

MACABÉA NO ESPELHO: O REFLEXO DO CONSTRUCTO PATRIARCAL

MACABÉA IN THE MIRROR: THE REFLECTION OF THE PATRIARCHAL CONSTRUCT

Recebido: 28/08/2024 Aprovado: 02/02/2025 Publicado: 22/02/2025
DOI: 10.18817/rlj.v8i3.3837

Cristiane Viana da Silva Fronza¹
Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-9638-5352>

RESUMO: Este artigo visa analisar a representação da personagem feminina Macabéa como reflexo do constructo patriarcal. Será utilizada a pesquisa de cunho bibliográfico por meio de uma análise qualitativa do romance *A hora da estrela* (Lispector, 1998) a partir da teoria de Simone de Beauvoir em sua obra *Le Deuxième Sexe* (1980), tomando por base os teóricos e pesquisadores como: Judith Butler (2003), Naomi Wolf (2018) e Pierre Bourdieu (2003,2010). Este trabalho visa contribuir para a comunidade acadêmica voltada para os estudos sobre mulher e literatura, ampliando a compreensão acerca das desigualdades de gênero e das estruturas sociais que as reproduzem.

Palavras-chave: Macabéa; Simone de Beauvoir; construção social; patriarcado; representação feminina.

ABSTRACT: This article aims to analyze the representation of the female character Macabéa as a reflection of the patriarchal construct. Bibliographic research will be used through a qualitative analysis of the novel *A hora da estrela* (Lispector, 1998) from the theory of Simone de Beauvoir in her work *Le Deuxième Sexe* (1980), based on theorists and researchers such as: Judith Butler (2003), Naomi Wolf (2018) and Pierre Bourdieu (2003,2010). This work aims to contribute to the academic community focused on studies on women and literature, expanding the understanding of gender inequalities and the social structures that reproduce them.

Keywords: Macabéa; Simone de Beauvoir; social construction; patriarchy; female representation.

Considerações iniciais

A História ocidental apresenta o homem como herói e a mulher como subjugada. Tal assertiva também pode ser vista quando lemos os livros de literatura, em especial, escritos por homens, pois esses configuram as representações de

¹ Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2022). Mestrado Acadêmico em Letras pela Universidade Estadual do Piauí (2014). Possui Especialização em Literatura pela Universidade Estadual do Piauí (2011). Especialização em Metodologia do Ensino de Francês como Língua Estrangeira (2022) pela UNYLEYA. Especialização em Neuropsicopedagogia pela Faculdade Facuminas (2023). Especialização em Literatura Africana, Indígena e Latina pela Faculdade Facuminas (2023). Especialização em Psicopedagogia pela Faculdade Facuminas (2023). Graduação em Licenciatura em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional UNINTER (2021). Graduação em Licenciatura Plena Letras-Língua e Literatura Portuguesa e Francesa pela Universidade Federal do Piauí (2009). Professora Adjunta I da Universidade do Estado do Maranhão - Campus Barra do Corda do Curso de Letras Português. Líder do Grupo de Pesquisa em Literatura e Crítica Feminista - NUA. E-mail: cristianevyanna@yahoo.com.br

mulheres como desvocalizadas e dependentes. Os contos de fadas, por exemplo, tecem as figuras femininas como seres frágeis, que precisam ser salvas por um príncipe, o que nos faz perceber que as mulheres foram e são mal representadas. Dessencializando esse contexto histórico marcado pela dominação patriarcal, sobretudo no século XX, no Brasil, a mulher de criatura passa a ser criadora. Portanto, podemos vislumbrar a importância de uma literatura de autoria feminina brasileira.

Clarice Lispector foi uma das escritoras mais proeminentes do século XX. Com formação acadêmica em Direito e vasta experiência como jornalista, sua escrita é caracterizada por uma linguagem poética e uma forte presença da subjetividade. Ao longo de sua carreira, Lispector produziu uma rica obra que inclui romances, contos e ensaios. Entre seus trabalhos mais notáveis, destaca-se o romance *A Hora da Estrela*, publicado em 1977, poucos meses antes de sua morte. Neste livro, Lispector apresenta a personagem Macabéa, uma jovem nordestina que vive em condições precárias no Rio de Janeiro. Macabéa simboliza a condição de subalternidade e marginalização de muitas mulheres na sociedade, sendo retratada como uma figura sem voz, sem poder, sem beleza ou qualquer outro atrativo, condenada a uma vida de solidão e desamparo.

Para compreender a condição subalternizada de personagens como Macabéa, é pertinente recorrer à teoria da escritora e filósofa francesa Simone de Beauvoir, uma das figuras mais influentes do século XX no campo dos estudos de gênero. Beauvoir argumentou que a mulher é "feita" e não "nascida", destacando que a feminilidade é uma construção social, moldada por um processo de socialização que ocorre em um contexto patriarcal. Ao longo de sua vida, Beauvoir foi uma importante ativista pelos direitos das mulheres e participou ativamente de movimentos sociais e políticos. Em seus ensaios e romances², ela abordou temas centrais como liberdade, subjetividade e ética, consolidando-se como uma referência fundamental na análise das condições de opressão vividas pelas mulheres.

Neste trabalho, o objetivo geral estabelecido foi analisar a representação feminina da personagem Macabéa como reflexo do constructo patriarcal, utilizando como principal referencial teórico a perspectiva filosófica de Simone de Beauvoir. Para atingir esse objetivo, o estudo adotou uma abordagem bibliográfica, com a coleta e análise de informações pertinentes à representação feminina, realizada por meio de

² Algumas obras são: "Le Deuxième Sexe", "L'Invitée", "Tous les Hommes sont Mortels", "La Force de l'Âge", "Les Mandarins".

uma análise comparativa entre o romance *A Hora da Estrela* (Lispector, 1998) e a obra *Le Deuxième Sexe* (Beauvoir, 1980). Além disso, foram utilizados outros estudos relevantes, como *Problema de Gênero* de Judith Butler (Butler, 2003), *O Mito da Beleza* de Naomi Wolf (Wolf, 2018), *A Dominação Masculina* e *O Poder Simbólico* de Pierre Bourdieu (Bourdieu, 2003, 2010), entre outros, que contribuíram para o embasamento teórico deste trabalho.

A representação da figura feminina macabéa como reflexo do constructo patriarcal

É sabido, historicamente, que as mulheres sempre foram apontadas como seres inferiores em relação aos homens no contexto social, cultural, histórico e político, ou seja, um conjunto de situações criadas, por exemplo: as obras canônicas são escritas por uma maioria masculina, que as subjazem por causa do contexto imposto pelo patriarcado. E, se pensarmos mulher e literatura, a desigualdade pode ser posta em dados, pois, “em 114 edições do Nobel de Literatura, apenas 15 mulheres foram premiadas”³, dados esses, ainda, desatualizados desde que Annie Ernaux foi ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura de 2022.

Se pensarmos literatura e mulher no Brasil, em especial do século XX, é interessante, primeiramente, rememorar acerca do contexto histórico desde o século XIX, que mostrava uma realidade árdua e difícil para a mulher leitora e escritora, já que, segundo a pesquisadora Castanheira (2010, p.1), “a institucionalização da leitura e da literatura foi francamente discriminatória”, desde que o pensamento sempre foi “de que as mulheres eram intelectualmente inferiores aos homens, e, portanto, sua forma de pensar e de escrever também o seria”.

Duarte (2003), no seu artigo *Feminismo e literatura no Brasil*, desvela sobre o percurso das mulheres na literatura brasileira e quais pontos comuns com o movimento feminista. Diante do que ela pontua nesse texto, na verdade, esse é um recorte de um projeto por ela objetivado e realizado, vale enfatizar a respeito da mulher e literatura brasileira do século XX. Cabe dizer que no século XX as mulheres começam sua inserção no campo político e começam “a ocupar espaço nos partidos

³ É preciso dizer que essa assertiva é título de uma publicação da *Revista Bula* que é de autoria de Mariana Felipe. Vale acrescentar que, aparentemente, desde 2020 não houve uma atualização do número de escritoras vencedoras, já que a autora deste artigo fez uma pesquisa e observou que os dados publicados estão datados até 2020. Incumbe dizer que Annie Ernaux faz parte dessa lista, mas, a desatualização (até mesmo, talvez, o descaso) não nos mostra qual o número de escritoras vencedoras do referido prêmio até o momento, ainda que a *Revista Bula* aponte que Annie Ernaux foi vencedora em 2022.

e a disputar as eleições, nas diversas instâncias do poder, mas não ainda no ritmo desejado” (Duarte, 2003, p. 166)

E sobre mulher e literatura, Duarte diz que:

No campo literário, algumas escritoras se posicionavam frente ao governo ditatorial, revelando com coragem suas posições políticas, como Nélida Piñon, que participou da redação do Manifesto dos 1000 contra a censura e a favor da democracia no Brasil. Em 1981, a escritora lançava o livro *Sala de armas*, composto de contos aparentemente distintos mas que se estruturam em torno dos encontros e desencontros amorosos. Mais tarde, Nélida tornou-se a primeira mulher a tomar posse como presidente da Academia Brasileira de Letras, e apenas bem recentemente declarou-se feminista. Inúmeras outras escritoras poderiam ser lembradas pela reflexão que seus textos e personagens suscitam nas leitoras, como Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Sônia Coutinho, Hilda Hilst, Helena Parente Cunha, Marina Colasanti, Lya Luft, entre outras, muitas outras. (Duarte, 2003, p. 167)

E é nessa tessitura de pensar mulher e literatura que se vê a necessidade de estudar sobre Clarice Lispector e Simone de Beauvoir, mulheres emblemáticas da literatura e do pensamento feminista do século XX. Ambas escreveram sobre a condição feminina e sobre as questões de gênero em seus trabalhos, uma na literatura e a outra em estudos filosóficos e sociológicos. Clarice Lispector, em seus romances e contos, explorou as complexidades da experiência feminina, desafiando as noções convencionais de feminilidade e inquirindo as tensões entre o individualismo e o papel social atribuído às mulheres. Simone de Beauvoir, por sua vez, abordou a questão da subordinação das mulheres na sociedade em seus ensaios e livros, argumentando que a posição social das mulheres é resultado de construções culturais e sociais que precisam ser desafiadas.

Segundo Fonseca (2020), ambas as autoras são conhecidas por sua abordagem existencialista, enfatizando a liberdade individual e a responsabilidade pessoal. Clarice Lispector, em particular, é frequentemente associada ao movimento existencialista no Brasil, enquanto Simone de Beauvoir é considerada uma das principais figuras do existencialismo francês, pois ambas tiveram grande impacto em suas produções e contribuíram significativamente para o pensamento crítico sobre questões de gênero e existência humana.

O sistema literário sempre dominado majoritariamente por homens não reconhecia a escrita de autoria feminina como merecedora de fazer parte do cânone. Suas protagonistas, muitas vezes, apresentam características que podem ser identificadas em mulheres da vida real, o que faz com que seus leitores se identifiquem

e se conectem com suas histórias. Por meio de sua escrita cuidadosa e sutil, Clarice cria figuras femininas tão reais que parecem habitar o mundo ao nosso redor. Nesta era de busca pela representatividade e diversidade, a escrita de Clarice e as teorias de Beauvoir continuam a ser uma fonte inspiradora para as mulheres, especialmente para aquelas que buscam se conhecer e compreender melhor o mundo.

Em *A Hora da Estrela*, a representação da personagem Macabéa é complexa e multifacetada, apresentando tanto elementos de opressão e discriminação quanto de resistência e luta por direitos e igualdade. Essa figura feminina é marcada pela marginalização e invisibilidade social, sendo assim, a obra objeto de estudo é uma porta aberta para analisar e levar à crítica acerca da condição feminina na sociedade brasileira do século XX.

Reforçando a necessidade dos estudos de gênero, a pesquisadora Marlene Rodrigues Brandolt, em seu artigo *A crítica feminista articulada ao literário*, aborda a importância da crítica feminista na análise de obras literárias sob a perspectiva de gênero.

De modo geral, as tendências teóricas nomeadas por Zolin buscam compreender a experiência feminista em suas posições e percepções na relação de gênero com outros segmentos de classes sociais que ultrapassem o empreendimento masculino. Em resumo, a crítica feminista tem colaborado para discussões nos centros acadêmicos, bem como aponta para os diversos papéis sociais exercidos pela mulher (Brandolt, 2015, p.266)

Dentre os autores citados em seu artigo está Lucia Osana Zolin, conhecida pela sua obra *Deslocamentos da escritora brasileira*, a autora é referência na crítica feminista brasileira. Segundo Zolin (2009), a crítica feminista literária deve ser entendida como uma prática política que busca transformar a sociedade ao evidenciar as desigualdades de gênero presentes na literatura e na cultura em geral, sobretudo um discurso comprometido com a desconstrução de estereótipos. Macabéa é, talvez, o espelho dessa representação feminina, vista, sobretudo, pelos olhos do patriarcado, que estereotipa a mulher nordestina, nesse sentido, pobre, raquítica e semianalfabeta.

Ao estudar a mulher, é quase impossível evitar os estudos feministas juntamente com a necessidade de entender o conceito de feminino e a urgência de uma ruptura. Tal conceito é um tema complexo, que tem sido discutido por diversas teorias ao longo da história e é interessante evidenciar aqui a desconstrução de

estereótipos de gênero e a busca por uma identidade feminina⁴ que não seja restrita por conceitos pré-estabelecidos pela sociedade patriarcal.

Uma das precursoras nos estudos de gênero foi a francesa Simone de Beauvoir, que contribuiu para a compreensão do feminino, argumentando que a feminilidade é construída a partir de uma relação de oposição com a masculinidade. Para ela, a mulher é vista como "l'autre" (Beauvoir, 1980, p. 42), o outro, uma categoria que é definida em relação à categoria masculina e essa relação de oposição pode limitar a autonomia das mulheres e reforçar estereótipos de gênero. Assim, para Beauvoir, a ruptura do conceito de feminino predeterminado é uma forma de libertação das mulheres, uma vez que permite questionar as normas impostas pela sociedade patriarcal e buscar uma nova forma de identidade que não esteja limitada pelos estereótipos de gênero.

Na obra de Lispector (1998), apresenta-se uma figura feminina retratada como uma mulher órfã, de pai e mãe, a partir de então criada por uma tia que, também, anos depois, acaba falecendo. Na adolescência, Macabéa viaja para a cidade grande procurando mudanças e, principalmente, estabilidade financeira e pessoal. Nessa, ela mora em uma pensão e ainda divide o quarto com mais quatro moças, todas Marias (da Penha, Aparecida, José e uma que era apenas Maria), que trabalham como balconistas das Lojas Americanas. Macabéa consegue um emprego de datilógrafa em um pequeno escritório (foi a única que aceitou trabalhar por aquele salário tão baixo). No ambiente de trabalho, ela compartilha o espaço com o dono da firma e Glória, uma carioca da gema, fogueira e loira artificial, segundo a narrativa clariciana: "Por ser ignorante era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por letra - a tia é que lhe dera um curso ralo de como bater à máquina. E a moça ganhara uma dignidade: era enfim datilógrafa." (Lispector, 1998, p. 20).

Cabe destacar acerca do nome da protagonista, desde que esse cause uma estranheza, já que as outras mulheres da obra têm nomes, talvez, comuns, que transmitem uma simpatia e familiaridade. Segundo Berta Waldman (2003), o nome da

⁴Embora esse artigo não objetive analisar a identidade feminina, cabe, aqui, dizer que o conceito identidade feminina foi, talvez, criado pela sociedade patriarcal e ao longo da história da humanidade, com determinados propósitos, tais como o papel social de filha, esposa, mãe e profissional. Segundo Fronza e Costa (2019, p. 143) "os arquétipos femininos eram gerados na sociedade patriarcal com o objetivo de estas se tornarem filhas, esposas e mães, reprodutoras, assim, da doutrinação patriarcalista, ou seja, a construção da identidade feminina era constituída tendo como base fundamentos e princípios estritamente subjetivos e ideologizados".

personagem principal vem da origem bíblica dos Macabeus, povo judeu que lutou pela liberdade religiosa e política na Terra de Israel.

Ao atribuir à personagem de *A hora da estrela* o nome Macabéa, Clarice Lispector transpõe para seu texto elementos simbólicos de um registro matricial judaico. A referência que se faz é ao Livro dos Macabeus, dois volumes não canônicos da Bíblia, considerados apócrifos pelos judeus. Ambos foram transmitidos em grego, mas o primeiro foi provavelmente traduzido de um original hebraico, que se perdeu. (Waldman, 2003, p.24)

Dessa forma, o nome de Macabéa cria um paradoxo e tal paradoxo se refere ao fato de que, apesar do nome soar e originar uma interpretação como sendo forte e enérgico, a figura feminina é apresentada como frágil, refletindo uma desconexão até mesmo com o próprio nome, uma dissonância entre o que se espera de uma figura principal heroína e a vida concreta da personagem, presente numa realidade de opressão e marginalização, e sem a consciência disso, criando ilusões de uma vida melhor e mais digna, inclusive, ficando satisfeita sempre com o pouco.

E quando acordava? Quando acordava não sabia mais quem era. Só depois é que pensava com satisfação: sou datilógrafa e virgem, e gosto de coca-cola. Só então vestia-se de si mesma, passava o resto do dia representando com obediência o papel de ser. (LISPECTOR, 1998, p. 33)

O fato de ela ser nordestina é mais um reforço no desencaixe social de Macabéa⁵. Por conta da estagnação econômica e as constantes secas nos anos setenta no Nordeste, teve de procurar uma vida melhor nos grandes centros industriais, assim como grande parte dos nordestinos da época. Vale lembrar que a obra apresenta a sociedade carioca dos anos setenta, evidenciando o estigma da figura nordestina: pobreza e miséria; enquanto o Sudeste, por estar em um momento de melhor desenvolvimento econômico, passava uma imagem de um lugar de progresso e modernidade.

De acordo com Freire-Medeiros e Cunha (2020), a inferiorização do Nordeste é uma construção social que se desenvolveu ao longo dos séculos e que se baseia em estereótipos e preconceitos enraizados na cultura nacional, essa construção social

⁵ De acordo com a socióloga Andréia Santos Gonçalves (2014), o desencaixe social ocorre quando um indivíduo não se encaixa nas normas e valores da sociedade em que vive, resultando em um sentimento de exclusão e isolamento. Isso pode acontecer por várias razões, como a origem social, etnia, gênero, entre outros. No caso de Macabéa, seu desencaixe social é agravado por sua condição de nordestina em uma cidade onde há um forte preconceito contra os migrantes do Nordeste.

é alimentada por discursos que associam o Nordeste a características negativas, como a pobreza, a violência e a ignorância, explica, ainda, que esses estereótipos são utilizados para justificar a desigualdade social e a exclusão econômica e cultural da região. Essa relação de inferioridade e preconceito fica evidente na história de Macabéa e em suas dificuldades em se conectar e de se integrar àquela sociedade.

Tratando das expectativas de Macabéa que, para melhorar de vida, viu-se na obrigação de mudar para um novo ambiente, a teoria do *habitus*, proposta pelo sociólogo Pierre Bourdieu (2010), enquadra-se no desencaixe social de Macabéa, uma vez que, segundo Bourdieu, o *habitus* pode ser definido como:

Um sistema de disposições duráveis e transponíveis que funcionam como estruturas estruturantes: estruturam as práticas e as representações que podem ser objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos agentes que produzem essas práticas e essas representações, e, ainda menos, uma intenção de se ajustar a normas objetivamente percebidas. (Bourdieu, 2010, p. 55-56)

Em suma, a teoria trata de um conjunto de disposições incorporadas pelos indivíduos ao longo da vida, que orientam suas práticas e visões de mundo, sendo moldadas pelas experiências sociais e culturais de cada indivíduo. No caso de Macabéa, seu *habitus* nordestino é incompatível com as expectativas e normas sociais do Rio de Janeiro, o que a coloca em desvantagem em relação aos outros indivíduos.

Além do desencaixe social, pensando agora na construção social mulher, talvez a obra mostra ao público leitor uma representação feminina, segundo a construção social de gênero, fora dos padrões estabelecidos pela sociedade. Como modelo socialmente construído, as mulheres frequentemente são avaliadas e valorizadas com base em seus atributos físicos, tal valorização das mulheres por esses atributos é um problema, como afirma a psicóloga e pesquisadora Nancy Etcoff em seu livro *Survival of the Prettiest* (2011), citando que a beleza não é apenas um valor pessoal, mas, sim, um valor social que afeta a vida das mulheres em todas as esferas, desde o trabalho até a vida amorosa. Na obra lispectoriana, o narrador apresenta Macabéa como uma mulher sem muitos atributos, sendo, portanto, um alguém com nada para acrescentar:

Há os que têm. E há os que não têm. É muito simples: a moça não tinha. Não tinha o quê? É apenas isso mesmo: não tinha. Se der para me entenderem,

está bem. Se não, também está bem. Mas por que trato dessa moça quando o que mais desejo é trigo puramente maduro e ouro no estio? (Lispector, 1998, p. 27)

A figura feminina na obra é definida como sem feminilidade pelo personagem narrador Rodrigo S.M. Isso pode ser entendido como uma tentativa de enquadrar Macabéa em um estereótipo de mulher desprovida de atração sexual. Essa definição, dada pelo narrador, pode ser entendida como uma tentativa de diminuir Macabéa e perpetuar uma visão machista da mulher como um objeto sexual.

No que trata a feminilidade, Beauvoir argumenta que a feminilidade é uma construção social imposta às mulheres, sendo ensinadas desde muito jovens a serem passivas, submissas e dependentes dos homens. Beauvoir justifica tais argumentos desenhando a mulher em diversas situações, apresentando desde a gênese, a primeira mulher e companheira de Adão, vinda para reproduzir. Nas escrituras, Eva é a responsável pela queda da humanidade ao desobedecer a Deus e comer o fruto proibido do Jardim do Éden. Essa narrativa, reforçada pelo poder do patriarcado, exprime nas mulheres a ideia da culpa feminina, que sugere que, devido às ações de Eva, todas as mulheres são responsáveis pelo mal no mundo, nesse sentido, Beauvoir explica que “a culpa é um instrumento de opressão, é uma forma de controlar as pessoas e mantê-las submissas” (Beauvoir, 1980, p. 177). Assim como Eva, Macabéa é uma figura feminina que enfrenta dificuldades e sofrimentos em sua jornada pessoal, sendo representada como uma pessoa simples, sem grandes aspirações e ambições, mas com um desejo intrínseco de conexão e pertencimento.

Para reforçar o papel de submissão de Macabéa, na obra, ela tem um relacionamento nada amoroso com Olímpico de Jesus, um homem, assim como ela, nordestino e à procura de estabilidade financeira, apresentado como alguém que “não tinha vergonha, era o que se chamava no Nordeste de cabra safado” (Lispector, 1998, p. 40). Em relação a essa apresentação masculina sem pudor, Beauvoir explica que, para os homens, o ato sexual nada mais é que algo subjetivo, um fato transitório, sempre o homem assumindo o posto no dilema entre o medo e o desejo, a obsessão e a possessividade, o desejo da virgindade e o medo dela, vendo sempre a mulher como um objeto a ser vencido e conquistado, “penetrar nela como o arado nos sulcos da terra, a mulher é o campo e o homem a semente” (Beauvoir, 1980, p. 193).

Relacionando Macabéa aos estudos de Beauvoir, o drama da narrativa de Clarice Lispector consiste nos atributos que faltam a essa Eva lispectoriana, uma vez

que Macabéa é apresentada como uma figura vulnerável e desprotegida, moldada através das leis sociais, sempre faltando-lhe atributos para a sedução, o que impede a sua completude enquanto mulher, nesse sentido, pelo olhar do patriarcado. Tal ausência é reiterada de várias formas na obra, como no momento do término de seu relacionamento com Olímpico, em que ele a compara com um cabelo na sopa, pois, quando a olha, “não dá vontade de comer” (Lispector, 1998, p.51), sugerindo uma idéia de repulsa ou aversão, mas que não é necessariamente física ou literal. Olímpico sente-se desconfortável com sua própria atração por Macabéa, como se fosse algo que não devesse existir ou que não fizesse sentido, ignorando qualquer rastro de autenticidade na existência em Macabéa.

Em contrapartida, Olímpico, ao tentar conquistar Glória, apresenta a loira na forma de uma mulher ideal, tanto na aparência como na personalidade, enquanto Macabéa é comparada com algo nojento. Sua colega de serviço, Glória, é uma mulher exuberante, feminina, mulata oxigenada, farta de carnes e “com uma pintinha marcada junto da boca, só para dar uma gostosura” (Lispector, 1998, p.54). Macabéa não salienta, visualmente, nenhum atributo desejável aos homens, o que a colocava em uma posição mais baixa que as “prostitutas” que residiam na mesma pensão: “a pessoa de quem falarei mal tem corpo pra vender, ninguém a quer...” (Lispector, 1998, p.19).

Há também a necessidade de pontuar que, na década de setenta, retratada na obra, a ideia de valorização da virgindade ainda era bastante presente naquela sociedade, especialmente entre os jovens e adolescentes. Nessa época, havia uma forte influência da cultura religiosa e conservadora, que prega a abstinência sexual antes do casamento como um valor moral importante, principalmente para as mulheres. Segundo Vianna (2005), a mídia tem uma influência significativa na exaltação da virgindade, retratando as mulheres virgens como mais puras e desejáveis, enquanto as que tiveram relações sexuais são estigmatizadas e menos valorizadas. Percebe-se o tabu posto na virgindade, ora vista como fascinante, se a mulher ainda a possuir, ora vista como vergonha, caso não a possua, com o homem querendo sempre exercer o papel de “desbravador” (Beauvoir, 1980, p. 194). Vale lembrar que tais ações violam os direitos humanos das mulheres, reforçando estereótipos sexistas e limitando sua liberdade sexual. Sabe-se que, na atualidade, essa ideia de valorização da virgindade tem perdido força. Com o avanço das discussões sobre sexualidade e a quebra de tabus em torno do assunto, a sociedade

passou a enxergar a sexualidade como uma expressão saudável e natural da intimidade entre duas pessoas.

Ainda sobre a influência midiática na vida das mulheres, Macabéa é uma figura feminina que busca desesperadamente se encaixar nos padrões de beleza impostos pela sociedade, desejando, incansavelmente, se tornar "bonita e elegante" como as mulheres que vê na televisão e nas revistas (Lispector, 1998, p. 26). Judith Butler, em sua obra *Problema de gênero*, explora como os padrões de beleza são usados para restringir e controlar a expressão corporal das pessoas, eliminando o fator da singularidade pessoal, argumenta que a feminilidade é uma performance social padronizada e que as mulheres são ensinadas a agir de maneiras específicas para serem consideradas femininas, usando como rédeas os padrões de beleza para impor normas de gênero, raça, classe e sexualidade. Esses padrões são usados para definir o que é considerado "belo" e "desejável" em relação aos corpos femininos. No entanto, essas definições não são neutras, mas são construídas de maneira a reforçar as hierarquias de poder existentes na sociedade.

A beleza é uma construção cultural e histórica, e a maneira como ela é valorizada e definida está ligada aos sistemas de poder e dominação que moldam nossas vidas. A beleza não é uma qualidade objetiva, mas sim um padrão arbitrário e mutável que é usado para definir quem é aceito e quem é excluído em determinados contextos sociais (Butler, 2003, p. 122).

Com isso, a beleza e sensualidade são comumente associadas à feminilidade, e Macabéa carrega o fardo de não ter, pelo olhar patriarcal de padronização, nenhuma sensualidade era associada a ela, bem como não despertar o desejo de ninguém. Sobre isso, o narrador personagem afirma: "Pois até mesmo o fato de vir a ser uma mulher não parecia pertencer à sua vocação. A mulherice só lhe nasceria tarde porque até no capim vagabundo há desejo de sol [...]" (Lispector, 1998, p. 28), reforçando com constância como virgindade e ingenuidade são características da essência de Macabéa, como se nada a definisse mais que essa verdade.

De acordo com a socióloga francesa Irène Théry, em seu livro *Le démariage: justice et vie privée*, a ideia da virgindade como uma virtude feminina é uma construção social que tem sido utilizada como forma de controlar a sexualidade das mulheres. Théry argumenta que essa visão tem raízes na história da humanidade, que está se tornando cada vez mais obsoleta na era moderna, concluindo que toda mulher tem seu traço único de sensualidade, por isso não deve ser generalizado e subjugado.

Expressando sua singularidade, Macabéa, nos trechos seguintes da obra, confirma que tinha, sim, uma sensualidade e desejo.

Macabéa, esqueci de dizer que tinha uma infelicidade sensual. Como é que num corpo cariado como o dela cabia tanta lascívia, sem que ela soubesse que tinha? Mistério. Havia, no começo do namoro, pedido a Olímpico um retratinho tamanho 3x4, onde ele saiu rindo para mostrar o canino de ouro e ela ficava tão excitada que rezava três pai-nossos e duas ave-marias para se acalmar. (Lispector, 1998, p.51)

Beauvoir, em sua icônica frase: “On ne naît pas femme, on le devient”⁶, defende uma separação entre o sexo e o gênero. Segundo a autora, o sexo é um fator biológico do corpo humano, já o gênero é uma construção social, ou seja, foi a sociedade dominada pelo homem quem determinou, no decorrer da história, como a mulher e o homem devem se comportar.

On ne naît pas femme: on le devient. Aucun destin biologique, psychique, économique ne définit la figure que revêt au sein de la société la femelle humaine; c'est l'ensemble de la civilisation qui élabore ce produit intermédiaire entre le mâle et le castrat qu'on qualifie de féminin.⁷(Beauvoir, 1980, p.285)

Posicionando Macabéa frente a esse espelho de desconstrução de gênero de Beauvoir, percebe-se que todo e qualquer traço da personalidade e autenticidade de Macabéa é apagado ou desconsiderado pelo narrador, visualmente machista e sexista, refletindo na figura feminina a necessidade de uma aparência mais atraente. Tal busca pode ser interpretada como uma tentativa de se encaixar nos padrões de beleza propostos socialmente, mas também um apagamento social da singularidade feminina. Outro ponto que deve ser citado, é o fato de toda a narrativa de vida da Macabéa ser marcada pela perspectiva machista e preconceituosa do narrador Rodrigo S.M. Ele a descreve de forma pejorativa, como "um ser despossuído, de alma rala e sensaborona" e "um nada, um vazio", refletindo, assim, a realidade de uma sociedade patriarcal que subestima e desvaloriza as mulheres, especialmente aquelas em situação de vulnerabilidade econômica e social.⁸

⁶ “Não nascemos mulher: tornamo-nos uma”

⁷ “Não nascemos mulher: tornamo-nos uma. Nenhum destino biológico, psíquico ou econômico define a figura assumida pelo ser humano feminino na sociedade; é toda a civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrato que qualificamos como feminino.”

⁸ Talvez, colocar um homem para contar a história triste de uma mulher, que sofre/sofrerá todas as dores do mundo feminino, foi uma maneira que Clarice achou de evidenciar a cultura do desprezo e inferiorização. Crítica maior quando mencionado pela cartomante que Macabéa só terá seu brilho de estrela quando se casar com um homem rico:” – E tem mais! Um dinheiro grande vai lhe entrar pela porta adentro em horas da noite trazido por um homem

Bourdieu (2003), em sua obra *A Dominação Masculina*, explora como o gênero é um elemento fundamental na estruturação da dominação e da desigualdade social. Argumenta, ainda, que a dominação masculina é uma forma de violência simbólica que se manifesta em diferentes esferas da vida social. Essa dominação é mantida pela cultura e pelas instituições que privilegiam os homens e mantêm as mulheres em uma posição subordinada.

Os homens têm, como grupo, o privilégio da dominação que lhes garante a apropriação das mulheres como coisa própria, seja sob a forma da violência física direta, seja sob a forma simbólica, produzindo uma relação de poder que se exercita mesmo na ausência física do dominador, porque o poder é a propriedade que se exerce mesmo na ausência. (Bourdieu, 2003, p. 27)

Fica evidente que uma das maiores influências na construção social da mulher são as tradições culturais, valorizando, construindo e reforçando a crença da superioridade masculina, dando aos homens uma arma de dominação poderosa, fortalecendo o patriarcado e estabelecendo uma série de regras para prosperar a subordinação feminina. A teoria de Naomi Wolf, em seu livro *O mito da beleza* (2018), está relacionada ao conceito de "poder simbólico", de Bourdieu. A autora argumenta que o poder da cultura machista se baseia em padrões de beleza que são criados e impostos pela sociedade patriarcal.

Os padrões de beleza patriarcal são uma forma de controle social. Eles não são um reflexo da realidade, mas sim uma construção cultural que impõe um ideal inalcançável às mulheres. (...) a beleza é uma das formas pelas quais a cultura patriarcal exerce sua autoridade sobre as mulheres, impondo padrões inatingíveis que as mantêm em um estado de constante insatisfação e insegurança (Wolf, 2018, p. 63- 64).

Além da imposição do aprendizado ao feminino pelos olhos do patriarcado, Macabéa recebeu também a imposição da religião cristã na sua educação. Todo o constructo social de que mulher pura é mulher virgem, assim como submissa, aparentemente, desnuda-se quando Macabéa mora no Rio de Janeiro, talvez, uma desconstrução de sujeição é apresentada ao público leitor quando, por exemplo, ela

estrangeiro. Você conhece algum estrangeiro? – Não senhora — disse Macabéa já desanimando. – Pois vai conhecer. Ele é alourado e tem olhos azuis ou verde ou castanhos ou pretos. E se não fosse porque você gosta de seu ex-namorado, esse gringo ia namorar você.” (Lispector, 1998, 63). Portanto, uma crítica claríssima à dominação patriarcal, ou seja, uma crítica clariceana.

se dá a liberdade de faltar ao serviço para aproveitar sua própria companhia, livre de qualquer ideal imposto a ela:

Então, no dia seguinte, quando as quatro Marias cansadas foram trabalhar, ela teve pela primeira vez na vida uma coisa a mais preciosa: a solidão. Tinha um quarto só para ela. Mal acreditava que usufruía o espaço. E nem uma palavra era ouvida. Então dançou num ato de absoluta coragem, pois a tia não a entenderia. Dançava e rodopiava porque ao estar sozinha se tornava: l-i-v-r-e! Usufruí de tudo, da arduamente conseguida solidão, do rádio de pilha tocando o mais alto possível, da vastidão do quarto sem as Marias. (Lispector, 1998, p.37)

Beauvoir (1980) argumenta que esse tipo de educação, limitada, restrita e religiosa, não apenas restringe as escolhas e possibilidades das mulheres, mas também reforça a ideia de que as mulheres são naturalmente inferiores e dependentes dos homens. Isso perpetua a opressão das mulheres e impede que elas se desenvolvam plenamente como indivíduos. Lispector produz uma obra com muita maestria, mostrando os estereótipos via narrador masculino, mas mostra com humor o quanto eles são reducionistas e não definem, assim, a condição do ser mulher, talvez evidenciando a negligência da humanidade em relação ao Outro⁹, ensinando Macabéa a habituar-se, desde criança, à falta de afeto, humilhação e com a injustiça de castigos não compreendidos, permanecendo com o hábito de não questionar e/ou reclamar de alguma injustiça ou afronta que pudesse sofrer: “Quando era pequena tivera vontade intensa de criar um bicho. Mas a tia achava que ter um bicho era mais uma boca para comer. Então a menina inventou que só lhe cabia criar pulgas pois não merecia o amor de um cão.” (Lispector, 1998, 29).

É possível dizer que a figura feminina Macabéa, aparentemente, nesse caso, seja uma mulher subjugada pelo sistema, torna-se alienada de si e do mundo, inserindo-se numa situação em que “a crença no absurdo substitui a qualidade pela quantidade: viver não tão bem quanto possível, mas tanto quanto possível” (Camus, 1997, p. 226). Essa alienação consigo mesma e com todos os aspectos de sua vida é um ponto-chave da obra, tal criação, muito religiosa e moralista, cheia de superstições e tabus, espelhava em Macabéa as ideias de sua tia que considerava casamento e atos sexuais dignos de nojo.

⁹Simone de Beauvoir utiliza o conceito de "O Outro" para descrever a relação entre homens e mulheres na sociedade. Para Beauvoir, a posição de "O Outro" é atribuída às mulheres, e significa que elas são vistas como o oposto, o complemento ou a alteridade em relação aos homens, que são considerados o sujeito universal. Ao descrever as mulheres como "O Outro", Beauvoir argumenta que elas são definidas em relação aos homens, e não em relação a si mesmas.

Dava-lhe sempre com os nós dos dedos na cabeça de ossos fracos por falta de cálcio. Batia, mas não era somente porque ao bater gozava de grande prazer sensual – a tia que não se casara por nojo – é que também considerava de dever seu evitar que a menina viesse um dia a ser uma dessas moças que em Maceió ficavam nas ruas de cigarro aceso esperando homem. (Lispector, 1998, p.28)

Com frequência, as mulheres são esperadas a serem mais passivas e recatadas em relação ao sexo, enquanto os homens são incentivados a serem ativos e dominantes, influenciando, assim, na forma como as mulheres experienciam e expressam seu desejo sexual. Vale citar também que a influência cultural, possivelmente, afeta os estereótipos de gênero, pois, devido aos padrões culturais, as mulheres podem ser vistas como "frígidas" ou "promíscuas" se não atendem às expectativas de comportamento sexual estabelecidas pela sociedade patriarcal, acarretando na geração dos tabus em relação à sexualidade feminina, tornando difícil para as mulheres falarem abertamente sobre seus desejos e necessidades sexuais, despertando sentimentos de vergonha ou culpa de seus corpos e aparência. Beauvoir defende que essa fragilidade é apresentada como uma característica natural das mulheres, mas, na verdade, é uma construção social que tem como objetivo limitar suas possibilidades de ação.

On a souvent présenté la femme comme faible et dépendante, victime de la nature et de la société. Cette idée est utilisée pour justifier sa soumission et son oppression par les hommes. Mais la fragilité féminine n'est pas naturelle, elle est une construction sociale qui vise à limiter les possibilités d'action des femmes et à justifier la domination masculine¹⁰. (Beauvoir, 1980, p. 457).

Possivelmente, a anulação ou descrença de Macabéa consigo é um reflexo da cultura machista, das opressões sociais e influência cultural vividas desde a infância, acarretando em uma timidez de conhecer seu corpo, seus sentimentos e pensamentos. No ensaio de Hélène Cixous, intitulado *Extrema Fidelidade* (2017, p.135), coloca em evidência essa suposta anulação de Macabéa: “A pessoa que Clarice escolheu, essa quase mulher, é uma mulher quase não mulher, mas de tal

¹⁰ A mulher é muitas vezes apresentada como fraca e dependente, uma vítima da natureza e da sociedade. Essa ideia é utilizada para justificar sua submissão e opressão pelos homens. Mas a fragilidade feminina não é natural, é uma construção social que tem como objetivo limitar as possibilidades de ação das mulheres e justificar a dominação masculina.

modo quase-não-mulher que talvez seja mais mulher que toda mulher.” Neste sentido, para Beauvoir, “a situação não depende do corpo, este é que depende dela” ou, ainda,

Le corps de la femme est l'un des éléments essentiels de sa situation dans le monde. Mais le corps ne suffit pas à la définir en tant que femme; il n'y a pas de réalité vivante absolument vraie à moins qu'elle ne soit manifestée par l'individu conscient à travers des activités au sein de la société.¹¹ (Beauvoir, 1980, p.466)

A tia de Macabéa, retratada como uma figura beata e tradicional, que acredita em valores conservadores e rígidos em relação ao papel das mulheres na sociedade, criando-a desde pequena, é um exemplo claro dessa influência cultural machista, pois ensinava uma visão limitada da identidade feminina, baseada em estereótipos de gênero e em expectativas sociais restritivas, possivelmente ocasionando na anulação da representação de mulher e da sua falta de autoestima. Teoricamente, se Macabéa tivesse crescido em um ambiente diferente, obtendo educação sexual e diálogo como prioridades, ela teria mais facilidade em identificar quando estaria sentindo atração sexual por outra pessoa e saberia que essa atração é tão normal quanto sua fome por goiabada com queijo e não se sentiria reprimida todas as vezes que percebesse sua própria existência e suas vontades, bem como valorizaria sua singularidade e não manteria hábitos religiosos que habituou-se a repetir diariamente sem nem entender o motivo.

Quando dormia quase que sonhava que a tia lhe batia na cabeça. Ou sonhava estranhamente em sexo, ela que de aparência era assexuada. Quando acordava se sentia culpada sem saber porquê, talvez porque o que é bom devia ser proibido. Culpada e contente. Por via das dúvidas se sentia de propósito culpada e rezava mecanicamente três ave-marias, amém, amém, amém. Rezava mas sem Deus, ela não sabia quem era Ele e portanto Ele não existia. (Lispector, 1998, p.32)

O problema central não foi a criação cristã ou a criação longe de seus pais biológicos, o problema pode ser os constantes castigos e a falta de explicação por parte de sua responsável. Para Beauvoir, o diálogo é essencial, permite que as pessoas se encontrem como iguais e, ao mesmo tempo, reconheçam as diferenças e singularidades de cada um (Beauvoir, 1980). Macabéa, assim como qualquer outra

¹¹ O corpo da mulher é um dos elementos essenciais em sua situação no mundo. Mas o corpo não é suficiente para defini-la como mulher; não há absolutamente verdadeira realidade viva a menos que manifestada pelo indivíduo consciente através de atividades no seio da sociedade

criança em formação, estava conhecendo a vida e suas surpresas, os corpos e suas vontades. A construção do conhecimento sobre o desejo foi algo negligenciado em sua criação e os resultados desse abandono é visto nas suas ações adultas, evitando qualquer sentimento de felicidade por medo de ser castigada.

Talvez a nordestina já tivesse chegado à conclusão de que vida incomoda bastante, alma que não cabe bem no corpo, mesmo alma rala como a sua. Imaginavazinha, toda supersticiosa, que se por acaso viesse alguma vez a sentir um gosto bem bom de viver – se desencantaria de súbito de princesa que era e se transformaria em bicho rasteiro. Porque, por pior que fosse sua situação, não queria ser privada de si, ela queria ser ela mesma. Achava que cairia em grave castigo e até risco de morrer se tivesse gosto. Então defendia-se da morte por intermédio de um viver de menos, gastando pouco de sua vida para esta não acabar (Lispector, 1998, p.31).

A influência familiar, apresentada aqui, teve um papel significativo e formador na construção do desejo e espelhamento pessoal de Macabéa. A falta de conexão emocional e orientação deixou-a insegura em relação à sua sexualidade, e as circunstâncias de sua vida a fizeram buscar a satisfação e contentamento nos prazeres simples. A obra romanesca lispectoriana nos leva a refletir sobre como o ambiente em que crescemos pode influenciar na nossa visão de mundo e desejos, no quanto o reflexo de aprendizagens nos levam ao conformismo e que tal conformismo e as ordens culturais influenciam o (des)conhecimento sobre o feminino.

Constituirá, efetivamente, dado bastante original, a reflexão contemporânea sobre a condição feminina a que o tipo de organização social hegemônico no Ocidente vem assistindo, pois nenhuma outra, antes, abrigou em si questionamento de igual ordem acerca dos papéis atribuídos aos sexos, vale dizer, produziu tal desnaturalização e desideologização dos mesmos. Tendo o sexo permanecido, nas demais sociedades, como que não questionado, isto é, tido por incorporado ao plano da natureza e sendo o domínio desta identificado ao universal, donde ao comum a toda espécie, a “naturalização” de papéis sociais atribuídos aos sexos consolidou-se hierarquicamente, como se fossem da ordem do senso comum, quando, em verdade, neles se abrigam a dominação, a opressão, a exclusão. (Campos, 1992, p.113)

Destaca-se, aqui, a importância da reflexão contemporânea sobre a condição feminina, especialmente no que se refere aos papéis atribuídos aos sexos. Refletir sobre a condição feminina e questionar os papéis atribuídos aos sexos é fundamental para desconstruir esses estereótipos e permitir que as jovens mulheres tenham a liberdade de ser quem elas desejam ser, sem serem limitadas por expectativas sociais e culturais.

Em relação às mulheres fictícias que buscam desprender-se do constructo social, Eliane Fittipaldi Pereira (2020), no seu livro intitulado *Trajetórias do feminino em narrativas de Clarice Lispector, Simone de Beauvoir & Agnès Varda*, apresenta as personagens femininas das autoras e a semelhança de todas enfrentarem um processo de desaprendizagem do conceito tradicional de feminilidade que as limita e as impede de serem autênticas e livres. Tal estudo sugere que essa busca das personagens femininas não se limita ao contexto histórico em que foram criadas, mas continua sendo relevante até hoje. Ou seja, no século XXI, ainda há necessidade de questionar e desafiar as normas de gênero e de buscar novas formas de viver e de ser, especialmente para as mulheres.

Em consonância com o dito anteriormente, a obra objeto de estudo apresenta ao público leitor o espelhamento dos estudos de Simone de Beauvoir refletidos na figura feminina Macabéa, pois Beauvoir apresenta que gênero é uma construção social. Portanto, Macabéa parece refletir sobre a representação feminina ideologizada pelo viés patriarcalista desde que essa configuração de mulher ignora sua própria construção de identidade e subjetividade feminina, talvez, por sempre aceitar a imposição social. Beauvoir e Lispector nos levam a refletir sobre a necessidade de romper com os estereótipos de gênero e de permitir que as mulheres sejam vistas e estudadas como indivíduos autônomos e livres para construir suas próprias idiossincrasias.

Considerações finais

A análise realizada posicionou a personagem Macabéa, da obra de Clarice Lispector, sob a perspectiva das teorias de Simone de Beauvoir e outros teóricos, alcançando o objetivo inicialmente proposto. O estudo permitiu identificar as marcas de gênero presentes na obra, destacando a influência da construção social patriarcal e seu reflexo na desigualdade de gênero. Esse constructo foi evidenciado através do olhar sexista do narrador, que descreve Macabéa de forma pejorativa, demonstrando como o estereótipo de gênero moldou a vivência da personagem, caracterizada por uma existência sem questionamentos.

A análise também salientou como as mulheres são frequentemente objetificadas, tornando-se reflexos de uma formação sexista que se perpetua no âmbito familiar e em outras esferas da sociedade. A obra de Lispector, em diálogo

com a teoria de Beauvoir, ilustra como essas estruturas patriarcais contribuem para a subordinação feminina, limitando as possibilidades de agência e expressão individual.

Dessa forma, este trabalho visa contribuir para a comunidade acadêmica voltada para os estudos sobre mulher e literatura, ampliando a compreensão acerca das desigualdades de gênero e das estruturas sociais que as sustentam. As obras de Lispector e Beauvoir exemplificam as vozes femininas que, historicamente silenciadas ou distorcidas pela narrativa masculina, emergem como críticas à objetificação e à despersonalização das mulheres, refletindo as complexidades da experiência feminina.

Referências

- Beauvoir, S. **Le Deuxième Sexe**, 1980.
- Bourdieu, P. **A dominação masculina**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- Bourdieu, P. **O poder simbólico**. 15. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- Brandolt, M. R. A crítica feminista articulada ao literário. **Anuário de literatura: Publicação do Curso de Pós-Graduação em Letras, Literatura Brasileira e Teoria Literária**, v. 20, n. 1, p. 265-275, 2015.
- Butler, J. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- Castanheira, C. Escritoras brasileiras: percursos e percalços de uma árdua trajetória. **NIELM** (Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Mulher na Literatura). Disponível em <<http://www.unig.br/cadernosdafaef/ARTIGO%20CADERNOS>>, v. 208, 2010.
- Campos, M. C. C. Gênero. In: Jobim, J. L. **Palavras de crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 111 – 125
- Camus, A. **O mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo**. Trad. Urbano Tavares Rodrigues e Ana de Freitas. Lisboa: Livros do Brasil, 1997
- Cixous, H. Extrema Fidelidade. In.: **A Hora da Estrela**. Edição com manuscritos e ensaios inéditos. 1ªed. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. LISPECTOR, Clarice.
- Duarte, C. L. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos avançados**, v. 17, p. 151-172, 2003.
- Etcoff, N. **Survival of the prettiest: The science of beauty**. Anchor, 2011.
- Felipe, M. Em 114 edições do Nobel de Literatura, apenas 15 mulheres foram premiadas. Saiba quem são elas. **Revista Bula**. Disponível em:

<https://www.revistabula.com/35610-em-114-edicoes-do-nobel-de-literatura- apenas-15-mulheres-foram-premiadas-saiba-quem-sao-elas/>

Fonseca, L. C. **Estilhaços de paixão e beleza**: a tomada de consciência em *A paixão segundo GH* (1964), de Clarice Lispector, e *Les belles images* (1966), de Simone de Beauvoir. 2020.

Freire-Medeiros, B.; Cunha, F. B. A construção social da inferiorização do Nordeste. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 37, e013, 2020.

Fronza, C. V. da. S.; Costa, M. E. da. A identidade da mulher na obra *Pedaços da fome*, de Carolina Maria de Jesus. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 23, nº 1, p. 142-152, jan-jun. 2019.

Gonçalves, Andréia Santos. *Corpos modificados ao extremo: o eu, o outro e a sociedade*. 2014.

Lispector, C. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Pereira, E. F. **Trajetórias do feminino em narrativas de Clarice Lispector, Simone de Beauvoir & Agnès Varda**. Hucitec Editora, 2020.

Théry, I. **Le démariage**: justice et vie privée. Odile Jacob, 1993.

Vianna, C. S. M. Da imagem da mulher imposta pela mídia como uma violação dos direitos humanos. **Revista da Faculdade de Direito UFPR**. Paraná, v. 43, n.0, p. 2-6, 2005.

Waldman, B. O estrangeiro em Clarice Lispector. **Revista de crítica literária latinoamericana**, 2003, p. 95-104.

Wolf, N. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Editora Record, 2018.

Zolin, L. Crítica feminista: os estudos de gênero e a literatura. In: Bonnici, T.; Zolin, L. **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3.ed. Maringá: Eduem, 2009.